AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: REVERBERAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA URCA.

THAIANE CARINE VIEIRA GOMES

Professora da Secretaria de Educação Básica de Juazeiro do Norte.
vieirathaiane028@gmail.com.

RESUMO

A avaliação da aprendizagem escolar é um instrumento fundamental no processo de ensino aprendizagem, sendo capaz de influenciar no sucesso ou fracasso do aluno e do professor, vem sendo praticada desde o período dos Jesuítas como um instrumento de ameaça que exclui e classifica os alunos, dentro deste contexto está a afetividade, um dos principais fatores que determinam como o professor irá conduzir este tipo de avaliação, que distancia professor e aluno e afeta os sentimentos e as emoções dos alunos, promovendo uma aprendizagem gerada por medo e ansiedade. Diante disso, questiona-se quais são as práticas avaliativas utilizadas por professoras nas séries iniciais do ensino fundamental e quais são os sentimentos e emoções expressos pelos alunos durante a avaliação sobre o olhar dos estagiários do curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri. O objetivo deste trabalho é conhecer as práticas avaliativas e os impactos causados nas emoções e sentimentos nos alunos das séries iniciais do ensino fundamental através da reverbação dos estagiários do curso de Pedagogia da URCA. Como fundamentação teórica fizemos estudos dos seguintes autores: Freire (2014), Hoffmann (1995) Luckesi (2011) Santini (2002) Arantes (2003) entre outros. Realizada por meio da pesquisa de natureza pura e exploratória e abordagem de qualitativa estruturada, desenvolvida através da pesquisa bibliográfica e de campo, com aplicação de questionários aos estagiários do curso de Pedagogia. Os resultados compravam que a prática avaliativa ainda é realizada em forma de exame, com a finalidade de classificar os alunos, como um instrumento de poder para disciplina-los em sala de aula e que até os tempos atuais os professores não conseguiram vencer as barreiras do tradicionalismo do ato de examinar.

PALAVRAS-CHAVES: Afetividade. Avaliação da Aprendizagem. Estágio Supervisionado.

ABSTRACT

The evaluation of school learning is a fundamental tool in the process of teaching learning, being able to influence the success or failure of the student and the teacher, has been practiced since the Jesuit period as a threat instrument that excludes and classifies the students, within of this context is affectivity, one of the main factors that determine how the teacher will conduct this type of evaluation, which distances teacher and student and affects the feelings and emotions of the students, promoting a learning generated by fear and anxiety. Therefore, it is questioned what are the evaluation practices used by teachers in the initial grades of elementary school and what are the feelings and emotions expressed by the students during the evaluation of the trainees' look at the Pedagogy Course at the Universidade Regional of Cariri. The objective of this work is to know the evaluation practices and the impacts caused in the emotions and feelings in the students of the initial series of elementary school through the reverbation of the trainees of the Pedagogy Course of URCA. As a theoretical basis, we have studied the following authors Freire (2014), Hoffmann (1995) Luckesi (2011) Santini (2002) Arantes (2003) among others. Made through the research of pure nature and exploratory and approach of structured qualitative, developed through the bibliographical and field research, with application of questionnaires to the trainees of the Pedagogy course. The results showed that the evaluative practice is still carried out in the form of an exam, with the purpose of classifying the students as an instrument of power to discipline them in the classroom and that to this day teachers have not been able to overcome the barriers of traditionalism of the act of examining.

Keywords: Affectivity. Learning Assessment. Supervised Internship.

INTRODUÇÃO

A avaliação ocorre em todos os momentos da vida, os indivíduos são avaliados e se autoavaliam a todo instante. Na escola, o conceito sobre avaliação torna-se mais significativo, pois avalia-se as ações, bem como os aspectos sociais, afetivos, culturais e psicológicos, que influenciam no desenvolvimento cognitivo. Em uma perspectiva tradicional a avaliação escolar é utilizada para verificar a aprendizagem e em algumas práticas é utilizada para excluir, classificar e atribuir julgamentos visando os interesses do professor não tornando significativa para o aluno.

O processo de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental também causa impacto na vida escolar dos alunos, na primeira modalidade são atribuídos conceitos e na outra nota. [...] Portanto se a avaliação não for desenvolvida de forma tranquila o aluno terá traumas e consequências para o seu desenvolvimento social, cultural, cognitivo e psicológico. (LUCKESI, 2011). De acordo com a Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional (LDB) N° 9. 394/96 regida em 20 de Dezembro de 1996, inciso V.

A verificação do rendimento escolar deve ser: a) Continua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais (BRASIL, 1996). A LDB garante que no processo avaliativo deve prevalecer a qualidade sobre a quantidade. Não havendo promoção nem reprovação.

Nas minhas vivências em sala de aula e com o contato direto com as teorias que conceituavam a avaliação da aprendizagem, sua função e seus instrumentos mais adequados, pude perceber que a prática desenvolvida pelas professoras das escolas em que visitei eram inversas ao processo avaliativo que visa subsidiar e contribuir para a prática docente auxiliando na aprendizagem do aluno, mas que em suas práticas utilizavam a avaliação como uma atividade que causava desconforto nos alunos.

Nos Estágios Supervisionados Obrigatórios bem como no Estágio Curricular percebi que a avaliação era utilizada como forma de repressão e exclusão, vivenciei situações em que os professores observados nos estágios amedrontavam os alunos por meio da avaliação, as crianças choravam e temiam o momento da prova, que era o instrumento mais utilizado para disciplina-los. Percebi que a relação professor- aluno era fundamental neste processo avaliativo, muitas vezes os professores relatavam raiva do aluno por ele ser indisciplinado e para tentar manter a ordem ameaçava-os por meio da prova. No grupo de estudo sobre avaliação compartilhava minhas experiências nos estágios intensificando assim a pesquisa. Desta forma surgiu o interesse em conhecer a ótica de outros estagiários, se os mesmos também vivenciaram esse tipo de prática durante os estágios.

O interesse pela pesquisa surgiu durante as minhas vivências em sala de aula durante os estágios e as demais disciplinas do curso de Pedagogia. Durante as observações percebi que a avaliação da aprendizagem era utilizada para reprimir, classificar e amedrontar os alunos. Essas práticas que observei eram inversas aos estudos sobre a função da avaliação da aprendizagem significativa.

A relação professor e aluno era um dos principais conflitos existentes em sala de aula que causavam indisciplina e falta de diálogo, a afetividade era permeada de conflitos e os mesmos determinavam como a avaliação seria aplicada, se os alunos apresentassem um bom comportamento e participação na aula não seriam punidos durante a avaliação que em todas às vezes era realizada como forma de examinar apenas para atribuir uma nota ao final do bimestre. A prática do professor e algumas questões nos inquietaram e nos levaram a refletir se esta prática é significativa ou não para o aluno? Se está de acordo com as teorias que estudei? O que posso enquanto estagiário e futuro professor intervir nesta realidade?

A emoção ocasiona as sensações, percepções para o outro que lhe observa, o fato primordial da emoção é o que sujeito irá manifestar-se, suas expressões apresentadas. As sensações é um fator decorrente das emoções, e se manifesta através de comportamentos momentâneos, reajo a uma determinada situação provocada por o medo, por exemplo, fator ocasionado pela emoção. É fundamental entendermos a diferença entre esses fatores, haja vista que nas crianças as expressões, sentimentos e emoções são mais perceptíveis nas crianças.

No ambiente escolar as emoções ganham maior proporção no processo de ensino e aprendizagem. As crianças chegam à escola com suas formas de ser e sentir geradas em seu contexto histórico-cultural, e encontram professores também dotados de subjetividade.

A afetividade influência as ações humanas, bem como o seu desenvolvimento cognitivo. A maneira como o homem é afetado determinará a forma como irá se relacionar com a sociedade, em um ato recíproco, que muitas vezes pode ocasionar traumas, gerando conflitos no âmbito social e escolar. Diversas são as reações consequentes da afetividade, dentre elas estão à emoção, originária de comportamentos de bem-estar ou mal-estar, ocorrem de forma inconsciente, e independe do outro. As emoções diferem dos sentimentos, os sentimentos são conscientes e são consequências da emoção, sendo realizados a partir da mente, sentimento é sentir, emoção é comportamento, o indivíduo pode muitas vezes sentir, mas não demostrar, sendo imperceptível o seu comportamento, o sentimento é calmo, contrário à emoção que é intensa e energética, Damásio (1996).

Vygotsky não descarta o fator biológico na construção do desenvolvimento, porém dar maior ênfase ao desenvolvimento de acordo com o meio em que o indivíduo está inserido. Também concorda com Wallon que sua formação não é neutra e que suas emoções passam por transformações. (VYGOTSKY, 1975 apud ARANTES, 2003, p. 20) afirma que "(...) a qualidade das emoções sofre mudanças à medida que o conhecimento conceitual e os processos cognitivos da criança se desenvolvem".

Sobre as emoções e a formação do homem, Saltini (2002, p. 27) é:

> "[...] o primeiro plano que se apresenta quando abordamos o universo Educação, é que o ato educativo deveria estar a serviço do desenvolvimento e do bem-estar do Homem e, em profunda harmonia com ele mesmo e com o meio em que vive."

É necessário também buscar conhecer quais sentimentos são expressos pelo professor, haja vista que a afetividade envolve o processo de aprendizagem e também de ensino. A questão envolve muito além da sala de aula, pois o docente traz uma bagagem de sentimentos que envolvem seu contexto familiar e social. O medo, a alegria, o cansaço, dentre elas, sensações apresentadas no ambiente escolar, seja por conflitos com a gestão, o Estado, sobre carga de aulas, desmotivação salarial, entre outros.

As relações desempenham um papel fundamental na nossa vida. É a partir delas que o sujeito se reconhece como ser e estabelece ligações com os outros. Vygotsky (1994) defende a importância das relações para a construção do conhecimento e para a constituição do próprio homem.

> [...] nas interações marcadas pela elevação da temperatura emocional, cabe ao professor tomar a iniciativa de encontrar meios para reduzi-la invertendo a direção de forças que usualmente se configura: ao invés de se deixar contagiar pelo descontrole emocional das crianças deve procurar contagia-las com sua racionalidade. (VYGOTSKY 1977, apud REGO, 1995, p. 105).

O professor tem papel fundamental de analisar, avaliar e intervir nos processos afetivos mediante conhecimento das causas que resultam nos conflitos, o professor tem mais racionalidade para trabalhar as emoções favorecendo o aluno.

Este trabalho faz-se necessário para que o estagiário compreenda o quanto a prática docente influencia na aprendizagem do aluno. A prática avaliativa observada é utiliza inversa ao processo de aprendizagem sendo utilizada para manter a disciplina em sala trazendo consequências para a vida social, cognitiva e psicológica da criança, por isso deve ser analisada e refletiva em busca de novas práticas.

A partir do conhecimento sobre pesquisa, iniciamos estudos acerca do tema através da pesquisa de livros, artigos, fichamentos, grupos de estudos, sobre autores que retratassem o assunto. A pesquisa bibliográfica possibilita compreender os conceitos sobre afetividade, sentimentos e emoção, avaliação, funções da avaliação, relação professor aluno bem como as práticas avaliativas que visam à inclusão do aluno. A pesquisa de campo foi necessária para conhecermos a visão dos estagiários sobre o impacto da avaliação da aprendizagem nos alunos das séries iniciais do ensino fundamental, com a pesquisa bibliográfica e a ida a campo, podemos perceber que a prática avaliativa ainda é realizada em forma de exame, visando à classificação e o disciplinamento dos alunos.

Trabalha-se nessa pesquisa com a abordagem qualitativa, pois procura-se conhecer a visão dos estagiários sobre a avaliação em relação as suas experiências no Estágio Supervisionado das Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Trazendo a percepção deles sobre o desenvolvimento das práticas avaliativas no contexto escolar.

Os interlocutores da pesquisa, foram ex-estudantes que realizaram o Estágio Supervisionado nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental do curso de Pedagogia da URCA. Estes estudantes foram acessados a partir das publicações que os mesmos fizeram no II Encontro de Estágio Supervisionado de Pedagogia – II ENESP/URCA2. Sustentados pela hipótese de que sendo a avalição da aprendizagem um evento marcante nas experiências dos estágios no Ensino Fundamental, dado aos aspectos apontados nos primeiros capítulos deste, buscamos identificar nos trabalhos publicados e apresentados aqueles que abordavam, mesmo que tangencialmente, os termos “avaliação da aprendizagem”, com o objetivo nos aproximar das suas percepções.

Sabe-se os desafios que precisam ser vencidos diante dessa problemática, questiona-se quais são as práticas avaliativas utilizadas por professoras nas séries iniciais do ensino fundamental e quais são os sentimentos e emoções expressos pelos alunos durante a avaliação da aprendizagem sobre o olhar dos estagiários do curso de Pedagogia da URCA. Além disso, busca-se compreender a relação entre afetividade e avaliação; identificar os sentimentos e as emoções expressos por alunos no momento da avaliação; identificar quais os instrumentos utilizados pelas professoras.

DESENVOLVIMENTO

A avaliação traz consequências para os nossos atos, é uma análise das nossas ações que nos traz percas ou ganhos, segundo Hoffmann (2009) ela deve acompanhar todos os aspectos cognitivos, físicos, sociais e psicológicos interferindo no processo de aprendizagem, ou seja, a avaliação influencia na nossa qualidade de vida, ela é parte da condição humana e é fundamental para a vida profissional e pessoal. "A avaliação é um processo natural, que nos permite ter consciência do que fazemos da qualidade do que fazemos e das consequências que acarretam nossas ações." (MENDÉZ, 2005, p. 24)

Apresentamos aqui uma análise dos questionários aplicados aos estudantes estagiários nas Séries Inicias do Ensino Fundamental. Trazemos também como o contexto social da criança influencia no ato avaliativo, conhecemos quais os instrumentos eram mais utilizados, e como a prática docente é fundamental para a prática avaliativa.

Questionamos aos estagiários como eles percebiam as crianças no momento da avaliação. As respostas variam, pois, sentimentos e emoções apresentam reações diferenciadas nos indivíduos, sob o olhar dos estagiários os mesmos apontam a relação existente entre emoção e cognitivo, no momento em que está sendo realizada a avaliação os alunos se expressa de diferentes formas.

Em diversos momentos os estagiários percebiam sensações de medo, insegurança, baixa autoestima e desespero, provenientes da subjetividade dos alunos bem como da relação com os instrumentos avaliativos, como em algumas situações apresentadas esse é o único instrumento utilizado e os alunos sentem medo e insegurança de não alcançarem os resultados esperados pelos professores.

A ansiedade dos alunos no ato da avaliação se aproxima do que vem a ser chamado de "preocupação" por Luckesi (2008), segundo o autor, o castigo psicológico usado através da ameaça tem duração continua na vida do aluno, percorrendo por anos e sendo internalizada negativamente por ele. Em concordância com Luckesi (2008) o autor Saltini (2002) apresenta a importância de se desenvolver no aluno um conhecimento afetivo que o favoreça no seu processo integral, não somente o conhecimento intelectual irá garantir a sua aprendizagem, mas sim todos os seus aspectos. Desenvolver no aluno medo e ansiedade irá trazer consequências para os seus aspectos psicológicos que em decorrência trará problemas para a sua aprendizagem.

Sobre a relação professor-aluno, alguns estagiários retratam que classificação que a professora realiza, influencia no processo de interação em sala de aula, mediante respostas em que os interlocutores discorrem que o diálogo acontece apenas com os alunos que apresentavam maior conhecimento sobre o conteúdo e o restante da sala permanecia em silêncio com as suas dúvidas.

Freire (1997) o diálogo é essencial entre professor e aluno, através dele é possível em conjunto conseguir vencer os desafios da sala de aula, se não há diálogo a relação se mantem autoritária em que apenas uma das partes determina todo o processo, se a aprendizagem se consolida também pela contribuição do ensino não haverá garantia de sucesso.

A avaliação pode ser um dos meios utilizados para exigir disciplina como acontecia na pedagogia jesuíta, porém em alguns casos pode ter o efeito de gerar ainda mais conflitos, pois o afeto negativo pode causar diversas reações nas crianças, algumas irão se sentir retraídas e obedecer aos comandos do professor ou simplesmente revolta, como em casos de reprovação ou de baixo rendimento. O desenvolvimento da aula consequentemente influencia na in (disciplina), uma boa aula é aquela que desperta a curiosidade da criança, com autoridade e liberdade equilibradas, o aluno pode sentir integrado e livre, sabendo usar o respeito com o professor.

Para explicar um pouco mais sobre autoridade docente e autoritarismo, utilizamos Freire (1998, p. 59, grifos do autor):

> [...] se a professora é coerentemente autoritária, ela é sempre o sujeito da fala, enquanto os alunos são continuamente a incidência de seu discurso. Ela fala a, para e sobre os educandos. [...] E até quando fala com o educando é como se estivesse fazendo favor a ele, sublinhando a importância e o poder de sua voz. Esta não é a forma como a educadora democrática fala com o educando, nem sequer quando fala a ele. Sua preocupação é avaliar o aluno, é constatar se ele a segue ou não. A formação do educando, enquanto sujeito crítico que deve lutar constantemente pela liberdade, jamais move a educação autoritária. Se a educadora é espontaneísta, na posição do 'deixa como está para ver como fica', abandona os educandos a si mesmos e termina por nem falar a nem com os educandos.

Na concepção dos estagiários a avaliação deve ser realizada por diversos instrumentos sendo diagnostica e formativa sendo continua em que o aluno é avaliado em todos os momentos e de diferentes formas. As respostas mostram que os alunos devem ser avaliados em todos os seus aspectos e que o professor busque conhecer se algum fator externo está dificultando a aprendizagem dos mesmos, o que faz da avaliação um instrumento de intervenção da realidade do aluno, garantindo que ele tem mais um subsidio para auxilia-lo na aprendizagem.

Durante o estágio, os discentes perceberam que a avaliação desenvolvida era tanto formal quanto informal, sendo realizada através de diversos instrumentos como prova, atividades, diários com registros da escrita dos alunos e a avaliação oral.

A prova era o instrumento oral mais utilizado nas observações com questões objetivas e abertas, sendo por duas vezes citadas o único instrumento avaliativo do bimestre. O aluno só teria aquele momento para apresentar toda a sua aprendizagem. Diante das respostas é percebível que os instrumentos são utilizados para ameaçar os alunos, não cumprindo o seu papel de coletar os dados para intervir no processo de aprendizagem. Para Luckesi (2008) os instrumentos avaliativos "[...] não são recursos para ameaças contra os educandos e ou para controles disciplinares sobre eles." A única função dos instrumentos é coletar os dados para apresentar ao professor se os objetivos foram alcançados.

Ainda segundo o autor todos os instrumentos sejam eles tradicionais ou não podem ser utilizados, o que se questiona a finalidade da aplicação dos mesmos se não estiverem adequados aos objetivos e a metodologia tornam-se falhos e podem vir a trazer diagnósticos errados dos alunos. A avaliação deve ser democrática que se aplique diversos instrumentos de acordo com a necessidade e expressividade do aluno.

O contexto social do aluno é avaliado não para auxilia-lo durante a aprendizagem, mas sim para julga-lo e atribuir ainda mais desafios em sala de aula. O pré-julgamento realizado na avaliação informal causa diversos impactos no aluno, alguns silenciam outros se revoltam demostrando raiva da professora. As dificuldades já são trazidas do contexto social do aluno como relatam as estagiárias e se progridem após a avaliação das professoras, causando maior impacto e aversão ao processo avaliativo, que segundo Luckesi (2011) contribuem para o insucesso da aprendizagem.

Quando a prática avaliativa acontece de forma punitiva o aluno começa a apresentar aversão a disciplina ministrada pelo professor, consequentemente resulta na desmotivação para estudar, o aluno relaciona o professor a sua disciplina e conceitua não estudar mais para aquela disciplina por não gostar do professor o que ocasiona no seu insucesso. Esta pesquisa possibilitou uma reflexão sobre como os afetos influenciam na prática avaliativa. Os sentimentos e as emoções apresentam-se inerentes ao processo de aprendizagem e a avaliação realizada traz para a sala de aula práticas tradicionais que apesar das novas abordagens ainda se fazem presente com a finalidade de classificar os alunos. O erro não é trabalhado em sala de aula e a avaliação é tida como um fim e não como um processo que visa verificar e a partir daí rever os objetivos propostos a fim de reformula-los em busca de uma aprendizagem significativa.

CONSIDERAÇÕES

Pretende-se com esse trabalho abrir caminhos para novas reflexões acerca da avaliação da aprendizagem, que os estagiários enquanto futuros professores desenvolvam uma avaliação que apresente seu verdadeiro papel, sendo processual, por meio de diversos instrumentos sem promover a classificação, que se estabeleça uma boa relação em sala de aula com mais diálogo e interação. O trabalho não será fácil, nem os resultados serão repentinos, mas com novos conhecimentos e com uma nova perspectiva "[...] conseguiremos tornar a avaliação um ato acolhedor, integro e inclusivo." (VYGOTSKY, 2012, p. 1)

O objetivo desta pesquisa foi conhecer a percepção da avaliação da aprendizagem escolar pelo olhar dos estagiários do curso de Pedagogia-URCA. Diante dos relatos obtidos através da pesquisa pudemos perceber que a avaliação da aprendizagem praticada em sala de aula ainda está longe de superar o modelo tradicional, os instrumentos mais utilizados são tradicionais e tem como função classificar, atribuir juízo de valor e punição. O resultado da pesquisa reafirma a minha observação em sala de aula, bem como os estudos bibliográficos que abordam ainda nos tempos atuais a prática de exames.

Na concepção dos estagiários a avaliação deve ser realizada por diversos instrumentos sendo diagnostica e formativa sendo continua em que o aluno é avaliado em todos os momentos e de diferentes formas.

A avaliação desenvolvida não era significativa nem para o aluno nem para o professor, pois o mesmo avaliando para vingar o comportamento dos alunos, não estará reconhecendo suas falhas e os seus desafios, o educador já fez a sua avaliação no momento de julgar e vingar através das provas, o juízo de valor já foi atribuído ele aplica a prova apenas para atribuir uma nota o que não se torna significativo para ambos.

Os sentimentos e as emoções apresentam-se inerentes ao processo de aprendizagem e a avaliação realizada traz para a sala de aula práticas tradicionais que apesar das novas abordagens ainda se fazem presente com a finalidade de classificar os alunos. O erro não é trabalhado em sala de aula e a avaliação é tida como um fim e não como um processo que visa verificar e a partir daí rever os objetivos propostos a fim de reformula-los em busca de uma aprendizagem significativa.

A avaliação é significativa para o processo ensino-aprendizagem como afirma Hoffmann, (1995, p. 8);

> A avaliação é essencial à docência, no seu sentido de constante inquietação, de dúvida. Um professor que não problematiza as situações do cotidiano, que não reflete passa a passo sobre suas ações e as manifestações dos alunos, instala sua docência em verdades prontas, adquiridas, pré-fabricadas. Ao mesmo tempo, a avaliação encomendada (do aluno e do professor) é um jogo político poderoso.

A avaliação apresenta ao professor informações para que ele a partir de suas reflexões procure estratégias para ajudar os alunos, seu papel é fundamental neste processo. Para Hoffmann (1995), o professor é um mediador do conhecimento e faz uso de ferramentas para melhor acompanhar o aluno, é capaz de ir muito além do que lhe é proposto. Para que a avaliação seja significativa e que ocorra os feedbacks em sala de aula, o professor precisa em sua prática avaliar os seus conceitos, não podendo transmitir a mesma pratica que lhe foi ofertada, Hoffmann (1994) retrata que muitos professores avaliam da mesma forma como foram avaliados, trazendo para sala de aula frustações da sua vida acadêmica, é necessário que ele busque novas formações, novas práticas pedagógicas, trabalhe em grupo e faça estudos sobre avaliação, são estes subsídios que fazem a diferença em sala de aula, o professor estar sempre em busca de aprimorar seus conhecimentos. “[...] ensinou-se muito mais sobre como fazer provas e como atribuir médias, do que se trabalhou com o significado dessa prática em benefício ao educando e ao nosso próprio trabalho” (HOFFMANN, 1994, p. 185).

É papel do professor incentivar, contribuir e favorecer a troca de ideias entre e com os seus alunos, sua participação neste processo pode influenciar na aprendizagem, pois o educador detém de recursos capaz de problematizar e auxiliar os alunos a refletir, trabalhar sua criticidade, valores e humanização, sua prática deve estar voltada para uma ação libertadora da educação. O aluno deve ser sujeito ativo na sua participação na sociedade, sendo capaz de se auto avaliar e avaliar o trabalho do professor.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Valéria Amorim (org). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 2003.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei no 9.394, – Brasília,

DF: 20 de Dezembro de 1996.

DAMÁSIO, Antônio R. **O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa.** 48o ed. Rio de Janeiro, RJ: PAZ & TERRA, 2014.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação mediadora: uma prática e construção da pré-escola à universidade.** - Porto Alegre: Educação e Realidade, 1999.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico**. 1. ed. – São Paulo: Cortez , 2011.

SALTINI, Claúdio J. P**. Afetividade & Inteligência: a emoção na educação**. 4o ed. - Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

MÉNDEZ, Manuel Álvarez. **Entrevista Revista Pátio.** Ano IX, n° 34. - Porto Alegre: Editora Artimed, 2005. (p. 27-27)